

ricochet
és o meu desejo
série addicted | livro 2
krista & becca ritchie

Tradução de Sónia Silva

CAPÍTULO 1



Fiz merda.

É esse o meu único pensamento enquanto absorvo o ambiente à minha volta. Um DJ põe a tocar música alta através de colunas embutidas na parede enquanto as pessoas se enfrascam com bebidas coloridas. A minha irmã mais nova, a Daisy, bebe pequenos goles de cerveja de um copo de plástico vermelho, observando os seus amigos modelos. Receio que ela vá abordar um rapaz e tentar juntar-nos para me tirar o Loren Hale da cabeça. Há cinco horas acreditava que uma festa em casa de amigos seria uma escolha segura.

Mas não foi.

De todo.

Devia estar castamente enfiada debaixo do meu edredão, a dormir durante o chinfrim de Ano Novo em minha casa com a Rose. Há apenas alguns dias, o Lo — o meu melhor amigo, o meu namorado, um rapaz que, literalmente, preenche *toda* a minha vida — partiu para a reabilitação. A Rose e eu passámos uma segunda-feira inteira a arrumar as minhas coisas. Vasculhei fotos, bugigangas e objetos de valor, irrompendo em lágrimas em acessos aleatórios. Exceto roupa e itens de higiene pessoal, o que é meu era também do Lo. Senti-me como se estivesse a passar por um divórcio.

Ainda sinto.

Apenas uma hora depois, a Rose ligou para a empresa de mudanças e pagou-lhes para terminarem de empacotar as coisas do meu antigo apartamento

e desempacotar na nossa nova casa. Ela comprou uma *villa* com quatro quartos perto de Princeton, com dois hectares de um terreno amplo e exuberante, um alpendre branco, persianas pretas e hortênsias roxas. Faz-me lembrar as casas sulistas em Savannah ou o filme *Os Divinos Segredos da Irmandade Ya-Ya*. Quando lhe disse isso, ela parou com as mãos nas ancas, a avaliar a construção com aqueles poderosos olhos amarelos. Então, fez um sorriso e disse:

— Suponho que sim.

A distância dos corpos masculinos não impede a minha mente de viajar para lugares maus. Sobretudo, preocupo-me com o Lo. Reviro-me na cama à noite, até ter de engolir grandes doses de comprimidos para dormir. Sinto a falta dele. E antes de ele partir, nunca imaginei um mundo sem o Lo aqui. A minha garganta fechou-se só de pensar nisso, o meu coração afundou e senti a cabeça à roda. Agora que o momento chegou, percebo que ele levou um pedaço de mim com ele. Quando contei isto à Rose, ela deu-me uma palmadinha no ombro e disse que estava a ser irracional. É fácil para ela dizê-lo. Ela é inteligente, confiante e independente. Tudo o que eu não sou.

E não acho... não acho que muitas pessoas possam realmente compreender o que é estar tão envolvida com alguém, partilhar cada momento e depois tê-lo arrancado de nós. Nós temos uma relação doentia e codependente.

Eu sei disso.

E estou a tentar mudar, para crescer além dele, mas porque é que isso tem de ser uma condição?

Quero crescer *com* ele.

Quero *estar* com ele.

Quero amar o Lo sem que as pessoas me digam que o nosso amor é excessivo.

Um dia, espero que lá cheguemos. *Esperança*, isso é tudo o que me resta agora para continuar. É a minha força motriz. É, literalmente, o que me mantém de pé.

Os primeiros dias de abstinência foram uma tortura, mas esconder-me no meu quarto ajudou. Recusei-me a ver o mundo real até que conseguisse resistir aos impulsos mais fortes. Até agora, tenho controlado as minhas necessidades sexuais, afogando-me na masturbação. Deitei fora metade da minha pornografia para tentar apaziguar a Rose e para me convencer de que estou no caminho da recuperação, tal como o Lo. Mas não tenho assim tanta certeza de que seja esse o caso. Não quando o meu estômago se contrai ao pensar em sexo. Mas, sobretudo, quero fazer sexo com *ele*.

E preocupo-me com essa probabilidade de cinquenta por cento de

arrastar outro homem para a casa de banho, onde vou fingir por um único momento que é o Lo, para satisfazer a minha fome. Não devia estar aqui. Numa festa. Manter-me longe de situações desvairadas tem ajudado até agora. Isto não se compara aos meus momentos mais alucinantes, mas é o suficiente para me empurrar para um lugar sombrio.

Quando a Daisy me ligou e convidou para uma «festa em casa de amigos», imaginei algumas pessoas a misturar bebidas fortes, reunidas em frente à televisão para assistirem a apresentações musicais. Não *isto*. Não um apartamento no Upper East Side, repleto de modelos... modelos *masculinos*. Mal consigo dar um passo sem que partes de corpos invadam o meu espaço pessoal. Nem sequer olho para ver que partes tocam na minha pele.

Devia ter dito não à Daisy. Tenho muitos medos desde que o Lo partiu, mas o maior deles é falhar com ele. Quero esperar pelo Lo, e se eu não for forte o suficiente para suprimir essas compulsões antes de ele regressar da reabilitação, então a nossa relação estará realmente acabada. Não haverá mais Lily e Lo. Não haverá mais *nós*. Ele estará saudável, e eu estarei presa num ciclo destrutivo, sozinha.

Por isso, tenho de tentar. Mesmo que algo no meu cérebro diga *vai*. Continuo a lembrar-me do que me aguarda se eu não esperar por ele. O vazio. A solidão.

Vou perder o meu melhor amigo.

De acordo com as instruções bastante sábias da Rose (ela tem estado a ler sobre o vício de sexo, assim como o Connor, mas isso é outra história), eu devia estar à procura de um terapeuta adequado antes de participar em qualquer evento social que me possa levar a cair em tentação. A Daisy não faz ideia do meu vício, que tem que ver com o fascínio por homens atraentes e o êxtase do sexo. A Rose é a única pessoa da minha família que está a par do meu problema, e vai continuar assim se depender de mim.

Apesar de tudo, não disse *não* à Daisy. No momento em que estava a tentar dizê-lo, ela usou a cartada do «nunca te vejo» para me fazer sentir culpada e ceder. Acrescentou dizendo que eu nem sequer sabia que ela tinha acabado com o Josh durante o Dia de Ação de Graças. (Primeiro erro: perguntar «Como está o Josh?» pelo telefone esta manhã. E eu que pensei que estava a ser tão esperta por me lembrar do nome dele e tudo.) Isso mostra o quanto eu estou «desligada» da vida dela. Por isso, não só estava a processar o facto de ela estar solteira, como também estava a sentir uma enxurrada de remorsos fraternos. Tive de aceitar para a compensar. Esta é a versão evoluída da Lily, a rapariga que realmente está a tentar fazer parte do mundo da sua família.

Isso significa passar tempo de qualidade com a Daisy. E preocupar-me com ela a atirar-se novamente para o mundo dos encontros amorosos. Especialmente se estes modelos mais velhos estiverem a atirar os seus anzóis para a apanhar.

Então, aqui estou eu. Obviamente não preparada para este tipo de festa. Embora tenha trocado o meu fato de treino por calças pretas e uma blusa azul de seda.

— Estou tão feliz por estarmos aqui juntas — exclama a Daisy pela terceira vez. — Nunca te vejo. — Passa o braço à volta do meu ombro, puxando-me para um abraço levemente embriagado. Quase engoli o seu cabelo castanho-dourado, praticamente loiro. As madeixas lisas e emplumadas a cair pelo peito dela abaixo.

Separamo-nos e eu retiro uma das suas madeixas dos meus lábios com *gloss*.

— Desculpa — diz, tentando afastar o cabelo, mas tem as mãos ocupadas: uma cerveja numa mão e um cigarro a arder lentamente entre dois dedos na outra. — O meu cabelo está comprido como a merda. — Suspira, frustrada, ainda a lutar com as madeixas. Acaba por usar o ombro e o pescoço para tentar afastar o cabelo do peito, parecendo uma desajeitada enquanto o faz.

Percebi que a Daisy pragueja mais quando está irritada. O que é normal. Mas tenho a certeza de que a nossa mãe teria de gastar mais três horas em meditação para esquecer o palavreado da Daisy.

E é exatamente por isso que não me importo se ela pragueja muito ou não. Por mim, ela que faça o que quiser. A Daisy precisa de ser a Daisy para variar, e eu estou realmente entusiasmada por vê-la longe das garras neuróticas e maternais da minha mãe.

Ela acalma-se e apoia o cotovelo no meu ombro. *Sou* baixa o suficiente para ser o seu descanso de braço.

— Lil — diz a Daisy. — Sei que o Lo não está aqui, mas *prometo* que to vou tirar da cabeça esta noite. Sem conversas sobre reabilitação. Nenhuma menção a banda desenha ou qualquer coisa que te faça lembrar dele. Nada, OK? Somos só eu e tu, e um monte de amigos.

— Queres dizer um monte de *peessoas atraentes*. — Usei a terminologia correta. Estou cercada de pessoas bonitas que poderiam correr numa praia, estilo *Marés Vivas*, e causar uma onda de tesão. Ou podiam desfilarem numa passarela que provavelmente iríamos olhar mais para os seus rostos do que para as roupas.

Pelo menos era o que eu faria.

Isso faz de mim a pessoa mais feia daqui? Provavelmente sou a única rapariga que não é modelo. Mas tudo bem. Fico na boa com isso. Cercada de pessoas que são um 10, e eu sou provavelmente um 6. Aceito isso.

Ela exala fumo dos lábios e sorri.

— Eles não são todos assim tão bonitos. Com má iluminação, o Mark parece um rato. Os olhos dele são muito próximos.

— E ele consegue trabalhos?

Ela assente com um sorriso aparvalhado.

— Algumas marcas de moda gostam de visuais excêntricos. Sabes, sobancelhas grossas, dentes espaçados.

— *Ugh*. — Tento localizar o Mark e o seu estilo de rato, mas não o vejo em lado nenhum.

— Eu gostava de ter uma característica distintiva mais interessante.

Característica distintiva? Soa como conseguir um patrono incrível no Mundo das Bruxas. Embora eu tenha a certeza de que a minha também seria patética. Como um esquilo.

Tento perceber a característica distintiva dela, examinando as suas *leggings* pretas, a camisola cinzenta comprida e o casaco verde estilo militar. Ela não tem um único vestígio de maquilhagem, a pele lisa, fresca e perfeita.

— Tens realmente uma pele fantástica. — Aceno com a cabeça, pensando que resolvi o enigma. Sou tão boa. Quase dou uma palmadinha nas minhas costas.

As sobrelhas dela erguem-se e dá-me um toque brincalhão na anca com a dela.

— Todas as modelos têm pele boa.

— Ah. — Percebo que vou ter de perguntar. — Qual é a tua característica distintiva?

Ela põe o cigarro nos lábios e agita uma madeixa de cabelo na minha direção.

— Esta lindeza — murmura. Pousa o cabelo no ombro e enfia o cigarro de volta entre os dedos. — Cabelo supercomprido de princesa da Disney. É assim que a minha agência lhe chama. — Encolhe os ombros. — Nem é assim tão especial. Com perucas e isso, qualquer pessoa pode ter o meu cabelo.

Dir-lhe-ia para o cortar, mas isso só iria apontar para o facto de que ela *não* pode fazer nada acerca disso. Não quando a agência controla o seu visual. Não quando a nossa mãe teria um ataque cardíaco.

— Realmente tens melhor cabelo do que eu — digo-lhe. O meu está oleoso metade do tempo.

Provavelmente deveria lavá-lo mais.

— A Rose tem o melhor cabelo — diz a Daisy. — Tem o comprimento perfeito e é superbrilhante.

— Sim, mas acho que ela o penteia uma centena de vezes por dia. Como a menina má de *A Princesinha*.

Os lábios da Daisy contorcem-se num sorriso.

— Acabaste de comparar a nossa irmã a uma vilã?

— Ei, uma vilã com um ótimo cabelo — contesto. — Ela apreciaria isso. — Pelo menos, espero que sim.

A Daisy termina o cigarro e apaga-o num cinzeiro de cristal sobre a lareira.

— Estou feliz por estares aqui.

— Não paras de dizer isso.

— Bem, estou mesmo. Estás sempre tão ocupada. Sinto que não conversamos muito desde que foste para a faculdade.

Sinto-me ainda pior. Ser muito mais nova do que a Poppy, a Rose e eu deve ter sido solitário. Eu ser uma viciada e evitar toda a minha família não ajudou.

— Também estou feliz por estar aqui — digo-lhe com um sorriso grande e honesto. Mesmo que este seja o meu maior teste desde a ausência do Lo, pelo menos sei que fiz algo certo. Vir aqui, estar com a Daisy, é um progresso. Apenas de uma forma diferente.

De repente, os olhos dela iluminam-se.

— Tive uma ideia. — Agarra a minha mão antes que eu possa protestar. Saímos do apartamento e dirigimo-nos ao patamar. Corre em direção à escada, arrastando-me consigo.

Estou a começar a habituar-me a esta nova Daisy impulsiva. Que, segundo a Rose, aparentemente tem sido assim nos últimos dois anos. Quando mudámos para a nossa nova casa, convidámos a Daisy para ajudar na decoração. No seu passeio pela *villa* de quatro quartos, viu a piscina no quintal. Não importava que ainda fosse inverno. Um sorriso travesso surgiu no seu rosto e escalou a janela do quarto da Rose, até ao telhado, e preparou-se para saltar para a água, três andares abaixo.

Não pensei que ela o fosse fazer. Disse à Rose:

— Não te preocupes. Provavelmente é para chamar a atenção.

Mas ela despiu-se até ficar em roupa interior, começou a correr e mergulhou na piscina. Quando a cabeça dela emergiu, tinha o maior e mais pateta sorriso à «Daisy». A Rose quase a matou. O meu queixo caiu permanentemente.

E ela boiava de costas, quase sem tremer de frio.

A Rose disse que quando a nossa mãe não está por perto, a Daisy tende a ficar desvairada. E não com rebeldias do tipo *vou beber para afogar as minhas mágoas e snifar cocaína*. Ela só faz coisas que a nossa mãe condenaria, e a Daisy provavelmente sabe que somos mais indulgentes. Quando a Rose viu que a Daisy sobreviveu ao salto sem um arranhão, chamou-lhe simplesmente estúpida e não falou mais do assunto. A nossa mãe teria reclamado durante toda uma hora, a desatinar com qualquer lesão que pudesse ter arruinado a sua carreira de modelo.

Mais do que qualquer coisa, acho que a Daisy só quer ser livre.

Acho que tive sorte de escapar ao escrutínio rigoroso da minha mãe. Mas talvez não. Não me tornei perfeita. Pode até dizer-se que sou seriamente perturbada.

Subimos as escadas até ao último piso, e a Daisy gira a maçaneta, o frio cortante a formigar nos meus braços nus. O telhado. Levou-me para o telhado.

— Não estás a pensar saltar, pois não? — pergunto imediatamente com os olhos arregalados. — Não há piscinas para aterres desta vez.

Ela ri-se.

— Não, parva. — Solta a minha mão e pousa a sua cerveja no chão de cascalho. — Vês esta paisagem?

Arranha-céus iluminam a cidade, e as pessoas até lançam fogo de artifício noutros prédios, as cores crepitam no céu para a celebração desta noite. Os carros buzina lá em baixo, meio que a abafar a atmosfera majestosa da noite.

A Daisy estende os braços e inspira profundamente. E grita a plenos pulmões:

— FELIZ ANO NOVO, NOVA IORQUE! — São apenas dez e meia, por isso, tecnicamente, ainda é *véspera* de Ano Novo. A cabeça dela vira-se para mim. — Grita, Lil.

Esfrego o meu pescoço quente, ansiosa. Talvez seja a falta de sexo. Ou talvez o sexo seja a única coisa que me ajudará a sentir melhor. Então... o sexo é a causa ou é a solução? Já nem sei.

— Eu não sou de gritar. — *O Lo discordaria*. As minhas bochechas ficam coradas.

A Daisy olha para mim e diz:

— Vá lá, vais sentir-te melhor.

Duvido.

— Abre bem a boca — brinca. — Vá lá, maninha.

Sou a única a quem isso soou pervertido? Olho por cima do ombro. Ah, sim, estamos sozinhas.

— Grita comigo. — Ela salta nas pontas dos pés, preparando-se para dizer «Feliz», mas detém-se quando não partilho do seu entusiasmo pela celebração. — Tens de relaxar, Lily. É suposto a Rose ser a mais certinha. — Ela agarra na minha mão. — Vá lá. — Leva-me para mais perto da beira.

Olho para baixo. Oh, meu Deus. Estamos imensamente alto.

— Tenho medo das alturas — digo-lhe, recuando.

— Desde quando? — pergunta-me.

— Desde que tinha sete anos e o Harry Cheesewater me empurrou das barras do parque infantil.

— Ah, sim, partiste o braço, não foi? — Ela sorri. — E o nome dele não era *Chesswater*?

— O Lo inventou a alcunha dele. — Bons tempos.

Ela estala os dedos, recordando-se.

— Pois foi. O Lo meteu uma bombinha na mochila dele como retaliação. — O seu sorriso desaparece. — Gostava de ter um amigo assim. — Ela encolhe os ombros, como se fosse demasiado tarde para ela, mas ela ainda é jovem. Pode sempre aproximar-se de alguém, mas, mais uma vez, com a nossa mãe a arrastá-la para todo o lado, ela provavelmente tem menos tempo para amigos do que qualquer uma de nós. — *OK*, chega de falar do Lo. Era suposto ele ser banido da conversa esta noite, lembra-te?

— Esqueci-me — murmuro. A maioria das minhas histórias de infância envolvem-no. São poucas as que consigo contar em que ele não está presente. Viagens em família, lá estava ele. Reuniões, lá estava ele. Jantares em família, lá estava ele. Os meus pais podiam muito bem tê-lo adotado. Raios, a minha avó faz-lhe o seu bolo de frutas especial sem qualquer motivo. Ela manda-lho de vez em quando. Ele encantou-a de alguma forma. Continuo a achar que ele lhe fez uma massagem aos pés ou algo repugnante.

Contorço-me. *Ugh!*

— Vamos jogar um jogo — sugere a Daisy com um sorriso animado. — Faremos perguntas uma à outra e, se errarmos, a outra terá de dar um passo em direção à beira.

— Hum... isso não parece divertido. — O meu destino estará nas suas capacidades de responder a uma pergunta.

— É um jogo de confiança — diz, com os olhos a brilhar. — Além disso, quero conhecer-te melhor. Isso é assim tão mau? — Agora não posso dizer que não.

Acho que ela me está a testar.

— Está bem. — Vou fazer perguntas fáceis para que ela saiba a resposta e eu não tenha de sentir o meu coração a saltar do peito.

Ela posiciona-nos de modo que fiquemos a cerca de metro e meio da beira. Merda. Isto não vai ser divertido.

— Quando é o meu aniversário? — pergunta-me.

De repente, os meus braços aquecem. Eu sei isto. Eu sei.

— Fevereiro... — *Pensa Lily, pensa. Usa essas células cerebrais.* — ... dia vinte.

Os lábios dela dobram-se num sorriso.

— Boa, é a tua vez.

— Quando é o meu aniversário?

— Um de agosto — diz. E nem espera que eu diga que está certa. Ela sabe que está. — Quantos namorados a sério tive?

— Define a sério. — Esta não sei. Não sei mesmo. Nem sequer sabia que ela tinha começado a namorar até ouvir o nome do Josh a ser mencionado enquanto estávamos a comprar vestidos para a Gala de Caridade.

— Levei-os a casa para conhecerem a mamã e o papá.

— Um — digo-lhe com um aceno pouco confiante.

— Tive dois. Não te lembras do Patrick?

Franzo o sobrolho e coço o braço.

— Que Patrick?

— Ruivo, magro. Meio imaturo. Ele costumava beliscar-me o rabo, por isso terminei com ele. Tinha catorze anos. — Ela dá um passo para mais perto da beira, já que eu sou claramente a pior irmã do mundo.

Suspiro pesadamente, apercebendo-me de que é a minha vez.

— Hum... — Tento pensar numa boa pergunta, mas todas envolvem o Lo de alguma forma. Finalmente penso em algo razoavelmente bom. — Que papel interpretei na produção de *O Feiticeiro de Oz*? — Tinha apenas sete anos e, a pedido do Lo, o pai dele mexeu os cordelinhos e tirou o filho do espetáculo para que ele não tivesse de interpretar o Homem de Lata. O Lo ficou tão feliz que nunca teve de ensaiar com a turma. Dormia ao fundo da sala, de boca aberta, a aproveitar um tempo extra de sesta enquanto nós tentávamos memorizar falas resumidas, apropriadas à nossa idade.

Sinto a falta dele.

— Foste uma árvore — diz a Daisy com um aceno de cabeça. — A Rose disse que atiraste uma maçã à Dorothy e a deixaste com um olho negro.

Aponto para ela.

— Isso foi um acidente. Não deixes a Rose espalhar mentiras... — Esta história está no arsenal dela para usar contra mim, juro.

A Daisy tenta sorrir, mas é um sorriso fraco. Consigo perceber que a minha relação com a Rose é algo que a incomoda, por isso paro de falar. Ela pergunta:

— O que é que quero ser quando crescer?

Devia saber isto. Não devia? Mas não faço a mínima ideia.

— Astronauta — digo.

— Boa tentativa. — Ela dá um passo à frente. — Não tenho a certeza do que quero ser.

Fico boquiaberta.

— Essa pergunta foi uma rasteira. Não é justo.

Ela encolhe os ombros.

— Gostavas de ter sido tu a lembrar-te dela primeiro?

Olho para a minha distância da parede e depois para a dela. Mais dois passos e ela estará na beira.

— Não, obrigada. — Estou emocionada por ela estar a responder corretamente às minhas perguntas, mas sinto-me um pouco culpada por estar a ser um fracasso nas dela. Acho que ela sabia que eu ia falhar neste jogo.

Talvez ela queira perder e, dessa forma, não posso dizer-lhe para saltar. Não se tudo fizer parte do jogo. Meu Deus, espero que não seja o caso. Mas o meu estômago aperta-se com o pensamento. Parece cada vez mais provável que assim seja.

— Qual é o meu nome do meio? — Tento uma fácil.

— Martha — diz com uma gargalhada. — Lily Martha Calloway. Não é uma chatice ter o nome da nossa avó?

— Olha quem fala, Petunia. — Ela foi castigada com um *segundo* nome de flor.

— Sabes o que é que os rapazes me perguntam sempre?

— O quê?

— Já foste desflorada?

Já ouvi essa.

Os olhos dela encontram os meus por breves instantes.

— Fui?

O frio belisca-me o pescoço.

— Essa é a minha próxima pergunta?

Ela assente.

— És virgem — digo, hesitante. Certo? A última vez que conversámos

sobre isso, fizemos um jogo no iate da nossa família, e tanto a Daisy como a Rose disseram que as suas flores ainda estavam intactas.

Ela dá um passo em frente, as botas a bater no parapeito.

O quêêê...

— Estás a mentir — digo, com os olhos arregalados. Quando diabos é que ela perdeu a virgindade? Com quem?!

Ela abana a cabeça e o seu cabelo ondula ao vento. Coloca uma madeixa atrás da orelha.

— Foi com o Josh?

— Não — diz suavemente, como se não fosse nada de especial. Talvez para mim não tenha sido. Na verdade, tentei suprimir a memória da minha primeira vez. Foi estranho e doeu um pouco. Sempre que penso nisso, começo a corar. Por isso enterro essa memória bem lá no fundo, nos recônditos da minha mente.

— Quem? Quando? Estás bem?

— Há uns meses. Não sei... as raparigas estavam a falar sobre sexo na aula, como o tinham feito e tal. Eu só queria ver como seria. Acho que foi OK. Definitivamente, não é tão divertido como fazer isto. — Abana as sobrancelhas de forma brincalhona.

— Mas com quem...? — Os meus olhos podem literalmente saltar-me da cara. *Por favor, não sejas como eu*, é tudo o que consigo pensar.

— Um modelo. Fizemos uma sessão fotográfica juntos e ele voltou para a Suécia, por isso, não te preocupes, não vais cruzar-te com ele aqui.

Estou a aprender tanto sobre a Daisy numa noite. É difícil de digerir. Sinto-me como se me tivesse empanturrado de hambúrgueres e batatas fritas do Five Guys, quase a vomitar.

— Quantos anos tem ele? — *Por favor, que não seja abuso sexual de menores*. Não sei se consigo guardar esse segredo.

— Dezassete.

Relaxo.

— A Rose sabe?

A Daisy abana a cabeça.

— Não, não contei a ninguém que perdi a virgindade. És a primeira. Não vais dizer nada, certo? A mãe matava-me.

— Não, mas... se vais começar a ter relações sexuais, deves ter cuidado.

— Eu sei. — Ela assente repetidamente. — Achas... achas que me podes levar à clínica? Estou a ponderar começar a tomar a pílula.

— Sim, eu levo-te. — Outro segredo que terei de manter da família, mas

este aceite com prazer. A gravidez não planeada pode ser evitada, e as raparigas não devem sentir vergonha de tomar a pílula. — Promete apenas que não vais enlouquecer e ter sexo com um monte de tipos aleatórios. — Porque era o que eu faria, e olha o quão bem eu me saí.

— Ui, eu não faria isso. — Ela torce o nariz, e eu sinto um aperto no fundo do estômago. E é por isso que não posso contar a mais ninguém da minha família sobre o meu vício. A Rose estava certa. Simplesmente, eles não iriam entender. — Vou para a universidade? — Ela faz outra pergunta para o nosso jogo. Nem me consigo lembrar se é a vez dela ou a minha.

— Não posso prever o futuro.

— *Quero* ir para a universidade, então?

— Essa... é uma pergunta muito boa... para a qual não tenho a resposta. Queres?

Ela abana a cabeça.

— Não. Pelo menos, ainda não. Estou pronta para fazer dezoito anos e fazer sessões de fotografia sem a mãe lá. Poderei ir sozinha a França e conhecer a cidade sem que a mãe programe todo o meu itinerário. Sabes, este ano ela nem me deixou ver o Louvre.

— Isso é péssimo.

A Daisy acena com a cabeça.

— Sim, é uma seca. — Em seguida, a sua bota pousa no parapeito de cimento. O meu coração sobe-me à garganta.

— OK, fim de jogo! — Levanto as mãos. — Vamos voltar para dentro.

A Daisy sorri de orelha a orelha e fica de pé, empoleirada no maldito parapeito com uma queda de vinte andares. Endireita-se e estica os braços. — SOU UM DEUS DOURADO!

Oh, céus. Citar *Quase Famosos* não alivia o meu pânico.

Em vez disso, ela grita a plenos pulmões, o que se transforma numa sonora gargalhada.

Este momento de conexão entre irmãs foi um pouco longe de mais.

— Tudo bem, fim do jogo. Ganhaste. A sério, acho que vou ter uma erupção de varicela. — Ou pelo menos uma erupção cutânea que se parece com isso. Começo a andar de um lado para o outro, com demasiado medo de me aproximar e puxá-la. E se eu puxar e ela cair para trás como na televisão? É assim que as pessoas morrem.

A Daisy começa a caminhar como se estivesse numa corda bamba.

— Não é assim tão assustador. Honestamente, é como... — Ri-se. — É como se o mundo estivesse ao teu alcance, sabes?

Abano a cabeça repetidamente, tanto que me faz doer o pescoço.

— Não, não. Não faço ideia do que estás a falar. Alguém te deixou cair de cabeça? — Isso agora parece bem provável.

E então ela salta.

Para o cascalho.

Respiro fundo. Ela pega no seu copo descartável enquanto se aproxima de mim e passa um braço pelos meus ombros.

— É possível que uma das amas o tenha feito. Talvez isso explique porque é que não sou tão inteligente como a Rose.

— Ninguém é tão inteligente como a Rose. — Exceto talvez o Connor Cobalt.

— Verdade — diz ela com um risinho e vira-se para a porta. — Agora vamos ver se conseguimos encontrar um gajo interessante para ti.

Pois, isto não vai correr bem.

CAPÍTULO 2



A Daisy tenta deixar-me com um modelo loiro assustadoramente atraente. Será que um rosto como o dele pode realmente existir sem Photoshop? Estrutura óssea perfeita, os olhos azuis mais bonitos que já vi. Meu Deus, estou em sarilhos.

— Vou buscar um ponche. Vocês os dois fiquem aqui a conversar — diz a Daisy. Tento agarrar-lhe o cotovelo antes que ela desapareça.

— Daisy... — Vou matá-la.

Ela volta-se e sussurra: — *Socializa* —, disfarçando com outro sorriso.

Volto a olhar. Ele é muito mais alto do que eu e dá pequenos goles de um copo descartável. Inclina-se para o meu ouvido, a sua mão a afundar-se na minha cintura. E a descer. Engulo em seco.

— És como uma pequena joia escondida — diz-me com um risinho. Evito aqueles intensos olhos azuis que começam a percorrer o meu corpo, aquecendo lugares que não deviam, de forma nenhuma, ser aquecidos por ninguém, exceto pelo Loren Hale.

Afasto as mãos dele tão freneticamente que acabo por parecer que estou a matar moscas. Murmuro algo incoerente que soa como *ouviste um grito?* ou talvez *viste um mosquito?* De qualquer forma, desembaraço-me dele e da multidão de modelos na pista de dança. Encontro um lugar seguro no sofá perto da janela que vai até ao chão, a cidade resplandecente iluminada e desperta com táxis e pedestres.

A Daisy está a discutir com um tipo que parece ter a idade dela. É difícil de dizer neste grupo. Tem cabelo preto e traços europeus, magro como se pudesse liderar uma banda de *indie rock*. Ela não sabe que me livrei do seu amigo com mãos marotas.

Ao meu lado está sentado um rapaz meio consciente, meio mocado, a olhar para o teto. Sigo o seu olhar, sem encontrar o que parece ser tão interessante além de gesso branco.

Dou uma espreitadela para a mesa de carvalho junto à parede — adornada com várias bebidas baratas. As pessoas servem-se, e eu, inconscientemente, procuro pelo Lo atrás de uma morena de cabelos encaracolados. Depois de ela colocar alguns cubos de gelo na bebida e ir para a cozinha, eu vejo-o.

Encostado à parede bebe, a segurar um copo de cristal com um líquido âmbar.

Tem as maçãs do rosto aguçadas, e uma expressão que oscila entre ligeiramente irritado e divertido. Bebe um pequeno gole e cruza o olhar com o meu, *sabendo* que estou a olhar — como se partilhássemos um segredo só nosso. O canto do seu lábio sobe quando dá outro gole, e eu congelo no meu sítio.

Baixa o copo e encosta a cabeça à parede, elevando ligeiramente o queixo. Fita-me. Eu fito-o de volta. E todo o meu peito se enche de hélio.

Quero-o.

Preciso dele.

Para me abraçar. Para envolver os meus braços ao redor do seu corpo. Para que me sussurre ao ouvido que vai ficar tudo bem. Que seremos melhores um para o outro. Será que seremos? Será que ainda nos amaremos se ele estiver sóbrio e eu estiver a passar pelas coisas que me atormentam? Será que ele vai encaixar-se na minha vida se eu estiver a lutar contra o meu vício enquanto ele está saudável e livre do dele?

Quero integrar-me na vida dele. Só espero que, quando ele voltar, também me queira a mim.

Então pestanejo. E ele desapareceu. Para algum lado. Ninguém me diz em que centro de reabilitação ele está, e restam-me estas fantasias angustiantes, o desejo de que ele regresse. Pelo menos consegui arrancar algumas respostas ao Ryke. Ele disse que durante o primeiro mês de reabilitação o Lo não devia ter qualquer tipo de comunicação externa. Não tenho a certeza se isso se aplica *apenas* a mim, mas tenho a sensação de que o Ryke tem estado em contacto com o Lo desde que o deixou lá.

Por isso, talvez eu seja a única a ser evitada e a ser afastada da vida do Lo como se fosse lixo.

Ainda assim, anseio por fevereiro. Os privilégios de receber *emails* serão restaurados. E março, quando ele poderá usar o telefone. Se conseguir aguentar até janeiro, ficarei bem. Ou, pelo menos, é isso que continuo a dizer a mim mesma.

O meu telemóvel vibra, e eu retiro-o do bolso, limpando os olhos com o pulso enquanto leio a mensagem.

Deixei a minha carteira em tua casa. Preciso que venhas abrir os portões. —
Ryke

Congelo e releio a mensagem quatro vezes. *Abrir os portões*. Tipo, na casa fechada onde eu devia estar agora — a que a Rose comprou numa pequena cidade isolada. Posso fingir que não vi a mensagem?

Lily, eu sei que estás aí. — Ryke

O quê? Como?!

Não te vou foder. Apenas deixa-me entrar. Era suposto estar em Time Square agora. — Ryke

Os meus dedos pairam sobre o botão. Se me recusar a responder, posso agir como se nunca tivesse recebido as mensagens. Simples. Posso mentir amanhã sobre ter perdido o telemóvel. Seria melhor do que lidar com o Ryke agora.

Os dois temos *iPhones*. Sei quando lêes as minhas mensagens, por isso, deixa de me ignorar e abre a merda dos portões. — Ryke

Ohh...

O meu telemóvel toca, e eu salto. RYKE MEADOWS aparece no ecrã.

Estou em apuros. A nossa relação ainda não é do tipo de falar ao telemóvel. Ultimamente, estamos restritos às mensagens de texto. Mesmo que ele seja meio-irmão do Lo, ele entrou na nossa vida *recentemente*. E embora o Lo possa perdoar todas as transgressões passadas do Ryke — como passar sete anos com o conhecimento da localização do seu irmão mais novo e não fazer nada acerca disso (dizer «olá» pelo menos) —, eu mantive o Ryke à distância. Não tem nada a ver com as suas partes masculinas e sexo, mas mais com as

suas características irritantes. Como meter-se nos assuntos de outras pessoas. Como ser um macho alfa quando a situação não requer isso.

O meu dedo continua a pairar sobre o grande botão verde, e eu tomo uma decisão precipitada e corro para o terraço para evitar a música e as conversas altas. Mesmo lá fora, as ruas selvagens compensam a falta de música alta enquanto as pessoas se juntam lá em baixo para as festividades desta noite. O telemóvel vibra furiosamente na minha mão. Rapidamente, pressiono o aparelho no ouvido e espero que o Ryke fale primeiro. Decerto não serei eu a iniciar *esta* conversa.

— Abre a merda do portão — rosna.

— Não posso.

— O que queres dizer com «não posso»? Levanta o cu da cama e vem até aqui. — Ouço-o a chocalhar a entrada de ferro, como se tentasse abri-la por pura força bruta.

— Estás a tentar entrar à força?

— Estou a considerá-lo. — Suspira, frustrado. — Passaram-se sete dias desde que ele partiu, não a merda de *cinco* anos. Estás a comportar-te de forma patética.

Franzo os lábios. É por causa *disto* que não gosto dele. A sua honestidade crua às vezes é tão rude. O Ryke eleva o significado de «amor à bruta» a um nível completamente novo.

— Eu sei isso. E só para que saibas, deixei de usar fato de treino ao quarto dia, e, no quinto dia, lavei o cabelo. — Não sou *patética*. Estou a tentar viver sem o meu melhor amigo. É difícil. A minha principal razão para acordar de manhã e colocar um sorriso no rosto foi-me tirada.

— Parabéns. Agora, abre o portão.

E então, a minha sorte vai por água abaixo.

— FELIZ ANO NOVO, CABRÕES! — grita um tipo cinco andares abaixo. Tenho cem por cento de certeza de que o Ryke ouviu o grito bêbedo pelo telemóvel.

— Antes que digas alguma coisa — digo, rapidamente, sentindo a fúria exaltada do Ryke através do telemóvel —, a Daisy *implorou-me* para vir a esta festa. Olhou para mim com aqueles grandes olhos verdes de corça. Nunca foste atingido pelos olhos de corça da Daisy, por isso não podes julgar. Depois, pensei: ei, não deve ser nada de mais. Ela tem quinze anos. Deve ser uma pequena festa do pijama de miúdas na cidade. Nada com que me preocupar. — Aponto estupidamente para o meu peito, embora ele nem sequer esteja perto de mim. — Não é minha culpa que a minha irmã mais nova tenha

amigos com o dobro da idade dela. Nem sabia que ela bebia fora da nossa família até esta noite! Portanto, *isto não é culpa minha*. Ouviste, Ryke? Não. É. Culpa. Minha. — Termino o meu discurso com uma respiração pesada.

Depois de uma pequena pausa, tudo o que ele diz é:

— Onde diabos estás?

— Provavelmente vou para casa depois de a bola cair. — Evito a resposta caso ele pretenda vir ter comigo.

— Confias em ti?

Fico em silêncio e observo um modelo com um corpo escultural que se debruça sobre o parapeito para chamar a atenção de uma rapariga na rua.

Está em tronco nu.

E é atraente. Mas acho que isso é óbvio, considerando o trabalho dele.

Confio em mim? *Não totalmente*. Mas também não posso ficar reclusa para sempre e chafurdar nos meus lençóis como uma hiena moribunda. Tenho de ser corajosa. Tenho de tentar ser normal. Mesmo que a minha mente grite *não*.

O Ryke toma o meu silêncio como resposta.

— Se nem consegues dizer sim, então não devias estar em festa nenhuma. Encontra a Daisy e fica com ela até eu chegar aí.

O quê? Não, não, não.

— Não precisas de ser a minha ama-seca, Ryke.

Ele exala alto.

— Olha, eu prometi ao Lo que me certificaria de que não te atiravas de um maldito precipício quando ele partisse. Se ajudar-te o ajuda a ele, então, farei o que for preciso. Até já. — Desliga e percebo que nunca lhe disse a morada do apartamento. Talvez ele esteja a fazer *bluff* e apenas a tentar incutir medo para que eu evite fazer algo precipitado e estúpido. Como engatar um modelo. Como beijar um rapaz qualquer. Estou assustada com o lugar na minha mente que diz *vai* — o impulso que esquece o amor da minha vida por um momento breve e horrível. E depois, quando acabar, estarei cheia de vergonha e de uma repulsa tão profunda que não saberei como rastejar de volta.

Respiro fundo e sacudo as minhas mãos trémulas. Entro no apartamento e vejo a Daisy ao lado do frigorífico prateado com uma variedade vertiginosa de ímanes de letras. Alguém escreveu *vén-te comigo*. Inteligente.

A Daisy bebe um gole de um copo de plástico vermelho, agora cheio de ponche, e conversa com um modelo italiano alto, o cabelo cor de chocolate espesso e o sorriso insanamente brilhante. Quando me aproximo, ela despede-se rapidamente e, de forma hesitante, vira o telemóvel na palma da mão.